

NIETZSCHE E A TRANSVALORAÇÃO DE TODOS OS VALORES

MÔNICA SOUZA DE OLIVEIRA

Mestranda em Filosofia na Universidade Federal da Bahia (UFBA)

moni.br@hotmail.com

RESUMO: O propósito geral do texto consiste em analisar o projeto nietzschiano de transvaloração de todos os valores. Trata-se, em geral, de examinar a crítica do pensador alemão em relação à fundamentação transcendente dos valores. Tal análise conta com o fato de que os valores, longe de possuírem um caráter metafísico, são frutos de avaliações profundamente humanas sobre a realidade. À luz dessa análise, o filósofo conta com a verificação do caráter tripartite da transvaloração dos valores: destruição, inversão e criação dos valores.

Palavras-chave: Valor. Destruição. Inversão. Criação.

RESUMEN: El objetivo general del texto es analizar el proyecto nietzscheano de transvaloración de todos los valores. En general, es examinar las críticas del pensador alemán en relación con el fundamento trascendente de valores. Este análisis tiene que ver con el hecho de que los valores, lejos de tener un carácter metafísico, son el resultado de una evaluación humana. A la luz de este análisis, el filósofo analiza la naturaleza tripartita de la transvaloración de los valores: la destrucción, la inversión y la creación de valores.

Palabras-clave: Valor. Destrucción. Inversión. Creación.

1. INTRODUÇÃO

O propósito do presente artigo consiste em analisar, nos escritos do terceiro período da obra de Nietzsche, em particular, no livro *Assim falou Zaratustra*, a questão da transvaloração de todos os valores. Trata-se, em geral, de especificar que, longe de possuírem uma base transcendente, os valores não seriam senão “humanos, demasiado humanos”. Sob tal ângulo de visão, examinaremos em primeiro lugar a noção nietzschiana de valor, tendo em vista seu duplo movimento, a saber, questionar o valor dos valores e levantar a pergunta pela sua criação. Cumpre, no fundo, em questionar o valor incriticável dos valores e, ao mesmo tempo, desconsiderar a hipótese de que há

valores eternos, imutáveis e absolutos, evidenciando que os valores são produzidos, ou, melhor dizendo, são frutos de avaliações humanas. A partir de tal ponderação, discutiremos sucintamente a dupla história do bem e do mal analisada por Nietzsche a partir de dois tipos fundamentais de moral: a moral dos fortes e a moral dos fracos. A partir de tal perspectiva, trataremos de mostrar que, no entender do filósofo alemão, os valores são relativos à condição existencial de cada indivíduo, tornando patente que os valores não são absolutos e universais.

Ao longo dessa discussão preliminar, abordaremos o sentido tripartite da transvaloração de todos os valores resumindo-se na destruição, inversão e criação dos valores. Negativo, o projeto do filósofo alemão de transvaloração dos valores requer uma destruição do solo que até então sustentou tais valores. Cumpre, nessa medida, em derrubar ídolos, alicerces, fundamentos, ou melhor, torna-se necessário acabar com o ideal metafísico acerca da existência de um mundo superior ordenador da vida terrena. Sob esse mesmo contexto, o filósofo aborda o segundo aspecto da transvaloração que, por seu turno, reside na inversão dos valores transcendentais. Trata-se de uma reviravolta do pensamento moral-cristão, provocando uma desvalorização dos valores vigentes, visto que esses valores já não são mais concebidos como orientadores da vida humana. Afirmativa, a transvaloração admite a possibilidade de criação de novas referências valorativas, tendo em vista a expansão da vida. É, pois, em tal ótica que falaremos a respeito de um novo tipo de criador que, no entender de Nietzsche, ultrapassa precisamente o homem decadente, desvalorizador da existência.

2. A CONCEPÇÃO NIETZSCHIANA DE VALOR

Inserida em um contexto disruptivo-negativo, a noção nietzschiana de valor cumpre a importante tarefa de rechaçar a moral vigente que, sob a pretensão de possuir um caráter metafísico, revelou-se até então como absoluta, eterna, para além de quaisquer questionamentos. É, pois, sob tal ângulo de visão que, em sua obra *Genealogia da moral*, Nietzsche anuncia uma nova exigência:

Enunciemo-la, esta *nova exigência*: necessitamos de uma *crítica* dos valores morais, *o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão* - para isso é necessário um conhecimento das condições e

circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (NIETZSCHE, 1998, p. 12 - grifos do autor).

Sob tal perspectiva, a reflexão do pensador alemão acerca do valor propõe de imediato um questionamento do valor dos valores. Trata-se, em geral, de pôr em xeque o valor incriticável e imutável dos valores morais, evidenciando que longe de possuírem uma base transcendente eles não passariam, em realidade, de um ponto de vista de apreciação humano. Reveladora, tal noção lança a pergunta pela criação dos valores vigentes. Cumpre, no fundo, em verificar que os valores não estão postos desde sempre, mas foram instituídos em um dado momento e em um determinado lugar, o que acaba por tornar patente que os valores são produzidos, não passando, no limite, de invenções humanas que passaram a ganhar um caráter metafísico e imutável.

Sob tal ótica, a concepção nietzschiana de valor opera uma ousada crítica à fundamentação transcendente dos valores morais e acaba por denunciar seu fundamento estritamente “humano, demasiado humano”. No entender de Nietzsche, “[...] tomava-se o *valor* desses ‘valores’ como algo dado, como efetivo, como além de qualquer questionamento” (NIETZSCHE, 1998, p. 12 - grifo do autor), pois supõe que sempre existiram. Realizando uma quebra desse ideal, o filósofo conta ver que os valores possuem uma procedência e uma história, o que acaba por evidenciar o aspecto móvel dos valores, pois, no entender do pensador alemão, eles nascem, modificam-se e, em muitos casos, desaparecem.

É, pois, a partir de tal ponderação que o autor de *Genealogia da moral* analisa dois tipos fundamentais de moral a partir de dois modos disjuntivos de valoração: a maneira nobre e escrava de avaliar. A seu ver, a maneira nobre de avaliar procede de uma afirmação da própria natureza do nobre, seria propriamente uma autoafirmação e, a partir dessa concepção que tem acerca de si mesmo, concebe em primeiro lugar a ideia de “bom”. Como contraposição, apenas como uma pálida imagem de contraste, os denominados fortes chegam ao conceito de “ruim”, representando a tudo que é baixo, pobre, fraco, indigno de luta. Nas palavras do pensador alemão: o forte “[...] primeiro e espontaneamente, de dentro de si, concebe a noção básica de ‘bom’, e a partir dela cria para si uma representação de ‘ruim’” (NIETZSCHE, 1998, p.31-32). Já os escravos, por sua vez, concebem em primeiro lugar a ideia de “mau” segundo a qual atribuem aos nobres (os designados fortes) para, em seguida, conceberem o valor “bom”, atribuindo a si próprios. Segundo Nietzsche,

o fraco concebeu “‘o mau’, e isto como conceito básico, a partir do qual também elabora, como imagem equivalente, um ‘bom’ - ele mesmo” (NIETZSCHE, 1998, p.31). A partir de tal observação, notamos que a maneira nobre de avaliar parte de uma afirmação, pois “nasce de um triunfante Sim a si mesma” (NIETZSCHE, 1998, p. 29), não precisando do outro para fundar sua moral. Em contrapartida, a moral dos fracos (os escravos) parte, no limite, de uma oposição e negação, pois eles só conseguem afirmar-se opondo aqueles aos quais é impossível tornar-se igual. No entender do filósofo, “já de início a moral escrava diz Não a um ‘fora’, um ‘outro’, um ‘não-eu’ - e *este* Não é seu ato criador” (NIETZSCHE, 1998, p. 29 - grifo do autor).

Tendo isso em vista, podemos considerar, de acordo com a filosofia nietzschiana, que ambas as morais não se identificam, não se equivalem, mas que profundamente se opõem. O valor “bom”, por sua vez, não é idêntico para os dois tipos de moral, pois para os ressentidos (os fracos) esse valor aparece enquanto oposição daqueles em que se lhe atribuiu o valor “mau”, como se os escravos afirmassem: “os fortes são maus, logo os fracos são bons”. Já na moral dos senhores (dos fortes), esse valor surge logo de início a partir de uma autoafirmação, pois estes concebem primeiramente o valor “bom” e atribuem a si próprios. Outro aspecto relevante destacado por Nietzsche diz respeito ao fato de que o valor “bom” da moral dos senhores corresponde ao valor “mau” da moral dos ressentidos. Esses, por sua vez, consideram os fortes como algo negativo à sua condição existencial e, com isso, chegam à conclusão de que eles são bons. Porém, na moral dos senhores, os dominantes (eles mesmos) são tomados como bons, pois são considerados fortes e corajosos.

Diante desses aspectos, torna-se digno de nota acentuar que os dois tipos fundamentais de moral obedecem a perspectivas avaliadoras distintas, o que torna patente, de acordo com a leitura nietzschiana, que os valores não são iguais para todos, não são universais, pois eles se relacionam com a condição existencial de cada indivíduo. Essa relatividade é identificada na passagem do livro de Nietzsche intitulado *Assim falou Zaratustra*, na seção “Das mil metas e uma só meta” no momento em que é acentuado que Zaratustra encontrou vários povos e identificou que é imprescindível para os homens atribuir valores, pois “nenhum povo poderia viver sem antes avaliar” (NIETZSCHE, 2011, p. 57). Porém, nota-se que há uma grande diversidade no que diz respeito aos valores, pois cada povo possui perspectivas próprias acerca do bem e do mal. É, pois, sob tal ângulo de visão que Zaratustra enfatiza:

Muito do que esse povo considerava bom, outro considerava infâmia e escárnio: eis o que achei. Muito achei que aqui era denominado mau, e ali era coberto de honras cor de púrpura. Jamais um vizinho compreendeu o outro: sempre sua alma se admirou da loucura e da maldade do vizinho (NIETZSCHE, 2011, p.57).

A partir de tal ponderação, a personagem principal do livro acima mencionado verifica que o que é considerado como bom para um povo é tomado como negativo para outro, o que revela que os valores não são idênticos para todos os povos e muito menos universais. Nesse sentido, os valores constituiriam em interpretações ou visões de mundo, mas nota-se que os povos não possuem vidas semelhantes, logo não interpretam seu mundo de igual maneira. É, pois, a partir de tal constatação que a personagem principal de *Assim falou Zaratustra* chega à conclusão de que os valores são relativos porque obedecem a perspectivas avaliadoras distintas.

Na concepção do pensador alemão, o valor seria o ponto de partida para a avaliação – ponto de partida porque ao atribuir valor necessita-se de um dado valor pré-determinado, ou melhor, uma determinada opinião acerca da coisa a ser valorada – bem como, o valor é fruto de uma avaliação, pois é por meio da avaliação que se dá o valor. Tomar como critério o valor enquanto fruto da avaliação corresponde a dizer que o valor depende da avaliação, supõe a avaliação, pois para atribuir valor precisa-se antes de uma dada avaliação. No entender do filósofo, não basta, contudo, relacionar os valores com as avaliações, deve-se, com isso, avaliar tais avaliações a partir de um critério que não pode ser avaliado. Esse critério, para o filósofo, é a própria vida, a base para as avaliações.

Sob tal ótica, fazer com que as avaliações passem pelo crivo da vida é considerar se favorecem ou não para o crescimento vital, se são sintomas de uma vida decadente ou ascendente. Levando isso em consideração, os dois tipos fundamentais de moral que acima pontuamos consistem em dois tipos disjuntivos de indivíduos, a saber, aquele que diz “sim” à vida e outro que definitivamente procura negá-la. Segundo a perspectiva nietzschiana, os ressentidos com o desprezo da vida forjaram um mundo superior que os salvasse dessa vida terrena, da sua mísera condição existencial. Com isso, se conclui que os escravos não são afirmadores da existência, mas contribuem para o declínio vital. Já os nobres, os designados afirmadores, não

necessitam de um outro mundo, afirmam a si mesmos e, com isso, contribuem para ascensão da vida.

Nesta perspectiva, o filósofo conta ver que os valores tomados até então compreendem-se enquanto signos de um tipo de vida em declínio, pois em nome desses valores o homem acabou por desvalorizar a própria existência. Na concepção do autor de *Assim falou Zaratustra*, o ser humano passou a criar tais valores tão somente para dar sentido à sua vida, como meio de suportar o sofrimento e a iminência da morte, ou seja, foi através de um mundo verdadeiro, além deste, que o homem viu a possibilidade de alcançar a salvação e se livrar do fluxo incessante das coisas¹. É como uma válvula de escape utilizado pelo homem para suportar sua vida condicionada pelo vir-a-ser.

É, pois, sob tal ângulo de visão que o pensador alemão revela que os valores não passam de criações humanas, desconsiderando, com isso, a existência de pretensos valores em si, supremos e imutáveis que até então eram tomados como certos e inquestionáveis. Mas, uma vez questionados há a revelação de que não existiram desde sempre. Portanto, a crítica nietzschiana acerca desses pretensos valores em si consiste em negar qualquer fundamento metafísico e tornar patente que mesmo os valores denominados transcendentos não passam, no fundo, de criações estritamente humanas. Sobre isso Zaratustra assevera: “Valores foi o homem que primeiramente pôs nas coisas, para se conservar – foi o primeiro a criar sentido para as coisas, um sentido humano! Por isso ele se chama ‘homem’, isto é, o estimador” (NIETZSCHE, 2011, p. 58).

Dessa maneira, o homem é criador de valores, porém esquece de suas criações e atribui a elas algo de transcendente, eterno e imutável, enquanto que os valores não são mais que humanos. No livro *Assim falou Zaratustra*, na seção “Das mil metas e uma só meta”, observamos o enaltecimento da figura do criador, revelando que “os homens deram a si mesmos todo o seu bem e mal. Em verdade, eles não o tomaram e não o acharam, não lhes sobreveio como uma voz do céu” (NIETZSCHE, 2011, p. 58), ou seja, o homem é o ser que estabelece valores, que atribui um sentido à terra, portanto o valor depende de uma criação humana. Para enfatizar essa afirmação,

¹ No entender do pensador alemão, o mundo não é uma estrutura estável, mas está em pleno vir-a-ser, em constante movimento. A esse propósito Nietzsche escreve: “o caráter geral do mundo, no entanto, é caos por toda a eternidade, não no sentido de ausência de necessidade, mas de ausência de ordem [...]” (*Gaia Ciência*, Livro III, § 109).

Nietzsche busca a etimologia da palavra alemã *mensch* (homem) para nos revelar o seu valioso sentido: aquele que avalia. Para Zarathustra, o homem é o animal avaliador, logo também é um ser que cria, pois como enfoca a personagem: “estimar é criar” (NIETZSCHE, 2011, p. 58).

A partir de tal pensamento, Nietzsche conta verificar que os valores não estão estabelecidos desde sempre, mas foram determinados por alguém que não é senão o próprio homem, o animal que mede, avalia e cria os valores para se conservar. Se os valores foram criados em algum lugar, logo é possível criar novos - não se trata aqui em reprodução ou recriação dos valores, pois assim procedendo é afirmar novamente os valores metafísicos, mas consiste em inovar, criar novos valores, pôr novos no lugar. Aqui se concentra a questão da transvaloração de todos os valores, tomando como base o seu caráter tripartite pautado na destruição, inversão e criação dos valores.

3. O SENTIDO TRIPARTITE DA TRANSVALORAÇÃO DE TODOS OS VALORES

3.1. A destruição dos valores

Segundo a perspectiva nietzschiana, transvalorar todos os valores consiste primeiramente em destruir ou suprimir o solo que até então sustentou os valores vigentes, derrubar ídolos, alicerces, fundamentos. Cumpre, no fundo, em afastar todo o ideal metafísico que, enquanto um sintoma de declínio vital, não promove a ascensão da vida, antes procura degenerá-la e condená-la em favor de um além-mundo, fazendo dele a sede em que se originaram todos os valores. Sob tal ótica, Nietzsche revela a necessidade de uma destruição do mundo transcendente no qual se baseia a metafísica e voltar-se para a terra.

A partir de tal ponderação, o projeto nietzschiano de transvaloração dos valores, ao propor o aniquilamento da metafísica, critica tanto as ideias socrático-platônicas quanto o cristianismo que, no entender do pensador alemão, não passaria de uma forma popular do platonismo. De acordo com Nietzsche, a filosofia platônica baseia-se na ideia de que há um mundo verdadeiro e um mundo aparente. O mundo verdadeiro seria o mundo que se encontra além deste (eterno e imutável). O mundo aparente, por sua vez, equivale ao mundo terreno que é, assim, desprezado em nome

de um mundo diferente ao qual corresponde ao mundo suprassensível. Sob essa mesma perspectiva, o cristianismo admite um mundo além com a promessa de garantir uma vida sublime configurada como superior à vida a qual estamos submetidos. Operando uma cisão entre vida e valor, tanto a perspectiva platônica quanto a interpretação moral-cristã constituem-se enquanto sintomas de uma vida em declínio, pois a partir de uma suposta crença de um mundo verdadeiro procuram, em realidade, desvalorizar a existência.

Em *Assim falou Zaratustra*, na seção “Das três metamorfoses”, o pensador alemão enfatiza esse aspecto a partir da figura do camelo que é, por seu turno, compreendida nessa seção introdutória da obra de Nietzsche como primeira transformação do espírito. Nas palavras de Zaratustra: “Três metamorfoses do espírito menciono para vós: de como o espírito se torna camelo, o camelo se torna leão e o leão, por fim, criança” (NIETZSCHE, 2011, p. 27). Constituindo-se como primeiro momento da transmutação, o camelo representa o espírito de peso que carrega consigo uma carga muito pesada. Sobre isso fala Zaratustra: “Há muitas coisas pesadas para o espírito, para o forte, resistente espírito em que habita a reverência: sua força requer o pesado, o mais pesado” (NIETZSCHE, 2011, p. 27).

Mas, na verdade, o que seriam esses “fardos pesados” enunciados pela personagem principal de *Assim falou Zaratustra*? Não seriam talvez as velhas tábuas, os tradicionais valores oriundos de uma perspectiva platônico-cristã? Para podermos responder essa questão precisaríamos, em primeiro lugar, compreender o que seriam segundo Zaratustra essas cargas pesadas. Portanto, assim fala Zaratustra:

O que é pesado? Assim pergunta o espírito resistente, e se ajoelha, como um camelo, e quer ser bem carregado.

O que é o mais pesado, ó heróis?, pergunta o espírito resistente, para que eu o tome sobre mim e me alegre de minha força.

Não é isso: rebaixar-se, a fim de machucar sua altivez? Fazer brilhar sua tolice, para zombar de sua sabedoria?

Ou é isso: deixar nossa causa quando ela festeja seu triunfo? Subir a altos montes, a fim de tentar o tentador?

Ou é isso: alimentar-se das bolotas e da erva do conhecimento e pela verdade padecer fome na alma?

Ou é isso: estar doente e mandar para casa os consoladores e fazer amizade com os surdos, que nunca ouvem o que queres?

Ou é isso: entrar em água suja, se for a água da verdade, e não afastar de si as frias rãs e os quentes sapos?

Ou é isso: amar aqueles que nos desprezam e estender a mão ao fantasma, quando ele quer nos fazer sentir medo? (NIETZSCHE, 2011, p. 27).

Rebaixamento, obediência, heteronomia e satisfação constituem, nessa medida, em palavras-chave para a compreensão da figura do camelo apresentada por Zaratustra. Mas, obediência e rebaixamento a quem que o espírito de peso se propõe? É, pois, diante dos valores milenares que o espírito de suportação curva-se, ajoelha-se, procura submeter-se e subordinar-se. Figura heterônoma, precisa viver sob a ideia de algo que o transcenda para que ele possa obedecer e rebaixar-se. Mas, é por meio de uma satisfação que o espírito de peso suporta esta carga, ele precisa para prosseguir seu caminho desse fardo, não possui outra escolha senão carregar consigo esse peso.

A partir de tal ponderação, podemos compreender que a perspectiva platônico-cristã revela-se, segundo a ótica de Zaratustra, como o mais pesado dos fardos carregados pelo homem vigente. Prefigurado pelo camelo, este tipo de homem anseia ao que há de mais superior, seu olhar busca o que há de mais elevado. Ele olha de cima para baixo, prefere algo que o supere como único objetivo para a sua existência e em nome dessa autoridade transcendente em que procura rebaixar-se passa a considerar a vida como o que há de mais baixo, como o que há de mais desprezível para ser valorizado.

Mas, a figura do camelo ainda nos indica um outro aspecto que consiste na possibilidade de superar sua condição, segundo a qual é observada por Zaratustra: “semelhante ao camelo que ruma carregado para o deserto, assim ruma ele para seu deserto” (NIETZSCHE, 2011, p. 28). Sob tal ângulo de visão, o espírito transformado em camelo aparece como uma vontade de libertação, de conquistar o seu próprio espaço, o seu “deserto”, se livrando dos fardos pesados que, por muito tempo, carrega consigo. Mas, sendo ainda uma figura heterônoma, ele não está apto para tal livramento, pois não possui a coragem de “andar com suas próprias pernas”, necessita da imagem de algo exterior, de uma autoridade superior. Contudo, a sua ida ao deserto já indica uma possibilidade de destruição da moral platônico-cristã, mas que não cabe a ele ainda essa tarefa, pois não tem autonomia necessária para desvencilhar-se das velhas tábuas erigidas a partir de um ideal metafísico. Talvez, a sua transmutação em um espírito mais sagaz possua a coragem de se libertar das velhas crenças. É, pois, sob tal ponderação que o próximo tópico tratará de discutir.

3.2. A inversão dos valores

Além da proposta de destruição das perspectivas que deram sustentação à moral vigente, a transvaloração de todos os valores, segundo a leitura nietzschiana, carrega em seu bojo um outro aspecto, a saber, a inversão dos valores. Compete aí em uma reviravolta do pensamento moral-cristão que sob a ideia de um mundo suprassensível passou a negar a própria existência. Nesse sentido, inverter os valores consiste, no limite, em um distanciamento, ou, melhor dizendo, em uma depreciação das antigas tábuas valorativas.

À luz dessa análise, Nietzsche discute em *Assim falou Zaratustra*, na seção “Das três metamorfoses”, essa questão a partir da figura do leão. Autônomo, o leão é caracterizado como espírito livre do peso da tradição, dos artigos de fé do passado com o objetivo de conquistar seu próprio espaço. Nas palavras do pensador alemão, o espírito transformado em leão “quer capturar a liberdade e ser senhor em seu próprio deserto” (NIETZSCHE, 2011, p. 28). Para tal conquista, o leão precisa lutar com “Dragão” que se caracteriza de forma metafórica ao Deus Cristão e seus valores milenares. Para isso, o espírito do livramento “ali procura o seu derradeiro senhor: quer se tornar seu inimigo e derradeiro deus, quer lutar e vencer o grande dragão” (NIETZSCHE, 2011, p. 28). Nessa luta entre o “eu-querô” contra o “você-deve” o leão sai vitorioso, o que acaba com a morte das antigas crenças.

Sob tal perspectiva, o leão se liberta dos pesadíssimos fardos, o que precisamente o camelo não podia fazer, visto que era um ser heterônomo que vivia sob a ideia de uma autoridade superior. O espírito transformado em leão diz “não” aos tradicionais valores que até então se configuravam enquanto fundamento de sua existência e conquista, com isso, o seu próprio terreno. Mas, o espaço que conquista consiste na falta de sentido decorrente da morte do dragão, da desvalorização das velhas tábuas.

Mediante a figura do leão, o filósofo faz alusão à morte de Deus que, por seu turno, representa a ruína dos valores tradicionais pelo homem moderno. Seria, no limite, a constatação de que os valores vigentes não se configuram mais como orientadores da vida humana. Sob tal ótica, o anúncio do louco sobre o assassinato de Deus presente na obra nietzschiana *A Gaia Ciência*, nos fornece uma compreensão básica sobre esse acontecimento e suas consequências:

Não ouviram falar daquele homem louco que em pela manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”² – E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? disse um outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? – gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós *o matamos* – vocês e eu. Somos todos os seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, para desatar a terra do sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Existe ainda ‘em cima’ e ‘embaixo’? Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? [...] Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? [...] (NIETZSCHE, 2001, p. 147 - 148).

A partir de tal reflexão, o pensador conta ver que a morte de Deus provoca uma total ausência de sentido para a existência, seria assim a constatação do niilismo na modernidade. Aquilo que até então se constituía enquanto fundamento para a vida humana perde sua força eficiente, não é tomado mais como horizonte humano, não mais se configura enquanto significado para a vida. Sob tal ângulo, o Deus morto provoca a falta de orientação para o mundo e para os homens, o que acarretaria, no fundo, em uma desumanização e em uma desdivinização², pois ao mesmo tempo em que morre a compreensão de mundo enquanto ordenado por valores cristãos, o ser humano perde seu sentido enquanto criatura divina. O assassinato do Deus Cristão indica, em realidade, a perda de consolos e muletas utilizadas pelo homem até então para fugir da fugacidade de sua vida. Até o momento, o homem viveu sob ficções que serviam, em verdade, como orientação da vida humana. Com a morte de Deus, o homem perde seu fundamento e, com ele, o sentido da existência.

Com a perda do horizonte divino (metafísico), o homem precisamente conquista, assim como o leão, seu próprio “deserto”, porém este espaço que ele consegue para si não é senão o vazio de significado produzido pela negação dos tradicionais valores, ou seja, conquista um terreno seu, livre de ficções e crenças

² Cf. ARALDI, Clademir, 2004, p. 289

antigas, sem o conceito de Deus. Com a emancipação do homem em relação a Deus e de seus preceitos morais, o homem precisamente passa a substituir o ideal divino pelo ideal humano. Conceitos como: “Razão”, “Progresso”, “Felicidade” passam a ocupar o espaço deixado com a morte de Deus. Tal atitude consiste, no fundo, na transposição do “você-deve” para o “eu-quero” do leão quando este vence o dragão.

No entender de Nietzsche, essa desvalorização dos antigos valores e sua consequente troca por um ponto de vista humano, não consiste propriamente na ideia de superação pretendida na transvaloração de todos os valores, mas apenas em uma substituição, ou uma expressão mais condizente a uma crítica nietzschiana, em uma inversão dos valores metafísicos por valores humanos. A subjugação do “você-deve” do dragão a partir do “eu-quero” do leão, não indica a ultrapassagem da perda de sentido provocada com a morte do dragão, visto que o leão ainda permanece no seu próprio deserto, na total ausência de significado. É, pois, por esse motivo que o leão apenas inverte os valores, e isto não indica que os valores antigos foram superados, que o homem vigente foi ultrapassado.

O homem moderno prefigurado pelo leão conquista apenas a liberdade para novas criações, ou seja, conquista o terreno para o surgimento de novas tábuas, mas ele não consegue “ir adiante”, não supera o vazio de significado ao emancipar-se das antigas crenças. Sob tal ótica, Nietzsche assevera: “Criar novos valores – tampouco o leão pode fazer isso; mas criar a liberdade para nova criação – isso está no poder do leão” (NIETZSCHE, 2011, p. 28). A partir de tal perspectiva, o filósofo conta evidenciar que o livramento do leão das velhas tábuas seria uma condição necessária para o surgimento de novos valores.

Nesse sentido, a morte de Deus representaria um “não” aos antigos valores, a conquista de liberdade do homem para novas criações. Não indica, portanto, uma superação compreendida enquanto instituição de novos valores em novas tábuas. Segundo Nietzsche, o homem moderno se livra das tábuas antigas, desvaloriza os valores eternos, conquista o seu terreno, mas instala-se no seu vazio de significado e não cria propriamente valores, permanece na inversão valorativa, substituindo a crença em uma divindade por uma visão humana. Não sendo o leão, figura que corresponde ao homem moderno livre dos valores eternos, o criador de novos valores, a quem caberá então essa tarefa? É, pois, sob tal ponderação que discutiremos o próximo tópico do trabalho.

3.3. A criação de novos valores

Inserida em um contexto crítico-negativo, a transvaloração de todos os valores abala as estruturas das perspectivas³ segundo as quais apoiavam os valores vigentes, propõe uma inversão dos valores provocando, com isso, um distanciamento dos ideais metafísicos. Contudo, transvalorar não se limita a uma negação. Tendo em vista a ideia de superação pretendida em tal projeto, a destruição e a inversão dos valores se articulam à ideia de criação de novas referências valorativas. É, pois, sob tal ângulo de visão que será discutido o terceiro aspecto da transvaloração dos valores.

Como já foi indicado, com a morte de Deus os valores denominados eternos perdem a força eficiente e há a constatação de que os homens não mais acreditam em uma ordenação cósmica transcendente, levando-os, com isso, a uma rejeição dos valores absolutos como preceitos morais que orientam sua existência. Sem o conceito de Deus, o homem está abandonado e lançado ao mundo, ele deve agora formular suas próprias leis, seus próprios valores.

Na ótica do pensador alemão, a essa importante tarefa de criar novas tábuas de valor cabe a um tipo de homem⁴ que supera precisamente o espírito transformado em camelo que, como foi observado, corresponde ao homem calcado em valores eternos que precisa viver sob a ideia de uma autoridade superior para a qual presta devida obediência. Esse tipo raro de homem indica ainda a superação do espírito transformado em leão que é caracterizado como livramento dos fardos pesados - substituição do “você-deve” para o “eu-quero”. Representado pela figura da criança - terceira metamorfose do espírito presente em *Assim falou Zaratustra* na seção “Das três metamorfoses” - o homem superior é:

Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim.

Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim: o espírito quer agora *sua* vontade, o perdido para o mundo conquista *seu* mundo (NIETZSCHE, 2011, p. 28-29 - grifo do autor).

³ Trata-se, no limite, das perspectivas platônica e cristã.

⁴ Em *Assim falou Zaratustra*, esse tipo de homem consiste precisamente no Além-do-homem. É importante salientar que esse tipo raro de homem, segundo a ótica nietzschiana, não é pensado de modo metafísico, visto que o que está em jogo nessa expressão é a própria superação dos antigos valores pautados como transcendentais.

“Inocência e esquecimento”, assim fala Zaratustra em seu primeiro discurso ao anunciar a terceira transmutação do espírito. Percebido, nesse contexto, como uma criança, o tipo de homem superior estaria livre do fardo do passado marcado pelo profundo ressentimento sem, com isso, ter consciência dele. Compreendido ainda como um esquecimento das antigas tábuas, o novo tipo de homem seria percebido como um novo começo, um novo horizonte para a vida humana. Ele não diz “eu quero”, como faz o leão, mas é a própria vida que diz por ele.

Segundo a leitura nietzschiana, esse novo tipo de homem enquanto criador de novos valores ultrapassa o antigo criador, produzindo valores que além de negar a vida procurem, no fundo, afirmá-la. Sob tal prisma, mudar os valores consiste necessariamente em transformar a postura que o homem tem em relação à existência. Reside, no fundo, em relacionar os valores à vida, fazendo dela o princípio para as novas criações⁵ e não em um meio, tomando-a como ponte que leva à outra vida. Em última análise, esse tipo superior de homem indica a possibilidade de encarar a vida sem os consolos metafísicos e justificações transcendentais que os homens careceram até agora para suportar a sua existência, passando a denegá-la em favor de valores suprassensíveis.

Em *Assim falou Zaratustra*, esse tipo raro de homem percebido a partir do conceito de além-do-homem é designado no início do “Prólogo” como um presente, uma dádiva que a personagem principal quer dar aos homens, porém o que ocorre é que os indivíduos não entendem o que Zaratustra fala, recusam com isso a dádiva oferecida por ele. Mas, por que o anúncio do além-do-homem é rejeitado pelos homens? No entender de Zaratustra, eles não têm ouvidos para escutá-lo, pois não entendem suas palavras, parece que o acontecimento da morte de Deus ainda é para os homens um fato desconhecido.

Tendo isso em vista, Zaratustra conta ver que o além-do-homem seria apenas uma das possibilidades abertas ao homem a partir da morte de Deus; a outra alternativa para o homem seria precisamente o último homem, o que no entender de Zaratustra seria identificado ao “que é mais desprezível” (NIETZSCHE, 2011, p. 17).

⁵ Tomar a vida como base para a criação de novos valores consiste, no fundo, em descartar a hipótese de haver qualquer princípio transcendente segundo o qual os valores seriam engendrados. É perceber que não sendo mais desvalorizada, a existência passa agora a ganhar valor, na medida em que afirmá-la seria, no fundo, aceitá-la como realmente é.

Isto porque ele não cria novos valores, permanece no vazio de significado. Ao falar do último homem, Zarathustra assevera: “Que é amor? Que é criação? Que é anseio? Que é estrela?” – assim pergunta o último homem, e pisca o olho” (NIETZSCHE, 2011, p. 18). A seu ver, concordar com o último homem é advogar com a falta de sentido para a existência, admitindo, portanto, um ambiente de profunda esterilidade segundo o qual não possibilita a criação de novos valores. Em contrapartida, aceitar o além-do-homem consiste não só em advogar com a morte de Deus e a desvalorização dos valores antigos, mas superar o vazio de sentido a partir da criação de novas tábuas valorativas.

Sob tal prisma, o novo tipo de homem seria um bem a ser atingido, a esperança que aparece ao homem para superar a si mesmo, tornando-se criador de novas tábuas. O que corresponderia ao único alvo para a humanidade a ser criada em que a seção “Das mil metas e uma só meta” acaba por anunciar: “Mil metas houve até agora, pois mil povos existiram. Apenas as cadeias para as mil cervizes faltam ainda, falta uma só meta. A humanidade ainda não tem meta” (NIETZSCHE, 2011, p. 59). Sob tal perspectiva, Zarathustra admite que até o momento existiram várias tábuas, mas falta ainda a única meta, o único alvo para a vida humana. A partir de tal ponderação, o novo tipo de homem seria, no limite, o fim ou caminho para o qual a humanidade deve almejar e querer para que possa, com isso, superar a si mesma, instituindo novas tábuas valorativas.

No entender de Nietzsche, “quem tem de ser um criador no bem e no mal: em verdade, tem de ser primeiramente um destruidor e despedaçar valores” (NIETZSCHE, 2011, p. 111). Nesse sentido, superar a si mesmo aparece, no fundo, como um movimento de negação e criação, em um jogo de sim e não, visto que a superação do homem pressupõe a ruína da interpretação moral-cristã, bem como ao tipo de homem a ela subjugado. Porém, não basta destruir o solo em que até então os valores estavam assentados, deve-se, com isso, pôr novos no lugar e que sejam, no limite, valores que favoreçam a vida, que procurem afirmá-la.

4. CONCLUSÃO

Dado o exposto, percebemos que o projeto nietzschiano de transvaloração de todos os valores revelou a errônea suposição metafísica em considerar a existência de um mundo transcendente pelo qual ordenaria as coisas terrenas. Sob tal

ponderação, contamos mostrar que, no entender de Nietzsche, esses valores não passariam, em realidade, de criações estritamente humanas, pois o homem criou tais valores apenas para suportar a sua existência condicionada pelo fluxo constante das coisas e, com isso, passou a desprezá-la em nome de um mundo verdadeiro, posto além da vida terrena.

Disruptiva, a noção nietzschiana de valor opera uma ousada crítica à metafísica, revelando que os valores não existiram desde sempre, mas foram criados em algum momento e em um determinado lugar, o que abre a possibilidade de criação de novos valores. É, pois, sob tal ângulo de visão que se concentra a noção de transvaloração dos valores, segundo a concepção do filósofo alemão. A seu ver, transvalorar significa, em primeiro lugar, destruir o solo em que até então foram sustentados tais valores em si e absolutos, derrubar ídolos e as velhas interpretações do mundo baseada pela metafísica. Em segundo lugar, transvalorar significa inverter, ou seja, mudar o sentido dos valores sustentados pela metafísica. E, finalmente, transvalorar consiste na criação de novas referências valorativas que, por sua vez, contribuirão não mais para declínio da vida, mas que participarão de seu crescimento.

Sob tal ótica, o projeto nietzschiano de transvaloração de todos os valores não só admite um contexto de negação, mas também um ambiente de profunda positividade, visto que a ruína dos valores suprasensíveis revela a possibilidade de criação de novas tábuas de valor que, no fundo, dirão “sim” à própria vida, afirmando-a como realmente é.

REFERÊNCIAS

ARALDI, Clademir Luís. **Nihilismo, criação, aniquilamento**: Nietzsche e a filosofia dos extremos. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: UNIJUÍ, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.